

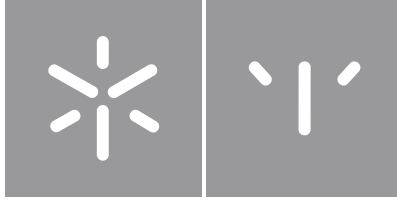
Sara Lima
**Relação entre trauma cumulativo,
vinculação e comportamentos de risco, em
jovens em risco**



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Sara Duarte Lima

**Relação entre trauma cumulativo,
vinculação e comportamentos de risco, em
jovens em risco**



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Sara Duarte Lima

**Relação entre trauma cumulativo,
vinculação e comportamentos de risco, em
jovens em risco**

Dissertação de Mestrado

Mestrado Integrado em Psicologia

Trabalho realizado sob a orientação da

Professora Doutora Ângela Maia

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Agradecimentos

À professora Doutora Ângela Maia pela orientação e ensinamentos transmitidos. À Dra. Patrícia Correia Santos pela ajuda constante, disponibilidade e paciência. Obrigada a ambas por terem sido uma motivação e um exemplo para a concretização deste projeto.

Aos técnicos das CPCJ e das Escolas Profissionais, e aos jovens que aceitaram colaborar neste estudo, desejo publicamente agradecer, pois a presente dissertação não teria sido possível sem a sua participação.

Ao Grupo de Investigação em Experiências Adversas e Traumáticas em geral, por todo o carinho e disponibilidade demonstrados.

À minha mãe por acreditar sempre em mim e ser o meu grande pilar. Um obrigada especial pela força, dedicação, paciência e amor incondicional, ao longo do meu percurso académico.

À minha irmã pela compreensão e pela presença nos bons e nos maus momentos.

Ao meu pai por, apesar de tudo, encontrar sempre uma forma de me fazer rir, mesmo nos momentos mais difíceis.

À U.DREAM por ser a minha segunda casa e me ter transmitido os valores para ser uma pessoa mais realizada e mais feliz.

Aos meus amigos pelo amor, pela amizade e por estarem sempre do meu lado. Obrigada por compreenderem os cafés e as noitadas que tivemos de adiar, e saberem que este foi apenas um “até já” mais longo que o habitual.

À Universidade do Minho, por me ter visto crescer, por me ter formado e preparado para o mundo profissional. Obrigada por estes anos que foram, sem dúvida, uma viagem.

A todos que não foram mencionados, mas que de alguma forma contribuíram para a realização deste projeto.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 04 de junho de 2019

Assinatura: Sara Duarte Lima

Resumo

A adolescência é uma fase em que comportamentos de risco têm mais probabilidade de se desenvolver. A exposição a trauma tem consequências adversas a longo prazo, nomeadamente em termos de vinculação, afetando o desenvolvimento do adolescente de forma diferente entre ambos os sexos, que muitas vezes recorre ao envolvimento nestes comportamentos. As consequências destes comportamentos são inúmeras pondo em risco a saúde, o bem-estar e muitas vezes a própria vida dos jovens. Este estudo teve como objetivo analisar a relação entre trauma cumulativo, vinculação e envolvimento em comportamentos de risco, em jovens em risco, considerando os dois sexos. Participaram 68 jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, que frequentam Escolas Profissionais do Norte do País e/ou jovens que foram sinalizados às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens. Observou-se que apenas o número total de eventos potencialmente traumáticos se encontra positiva e significativamente correlacionado com algumas das escalas de vinculação e com o total de comportamentos de risco. Os resultados mostraram diferenças significativas na vinculação e no envolvimento em comportamentos de risco em função do sexo. Tendo em conta os resultados e sabendo que dos comportamentos de risco podem advir consequências irreversíveis, estudar este tema é importante para perceber de que forma se pode prevenir.

Palavras-chave: comportamentos de risco, jovens em risco, trauma cumulativo, vinculação

Relation between cumulative trauma, attachment and involvement in risk behaviors, on youngsters at risk

Abstract

Adolescence is a period where risk behaviors are more likely to develop. Exposure to trauma has long-term adverse consequences, including attachment, which affects adolescent development differently according to their sexes, that frequently turn to these behaviors. The consequences of these behaviors are numerous, endangering health, well-being and many times their own life. The purpose of this study was to analyze the relation between cumulative trauma, attachment and involvement in risk behaviors, on youngsters at risk, considering both sexes. In this study, participated 68 young people aged 12 to 17, attending Vocational Schools in the North of Portugal and/or young people that were signalized to the Child Protective Services. It was observed that only the total number of potential traumatic events is positive and significantly correlated to some of the attachment scale and with the total of risk behaviors. Results showed significantly differences in attachment and in involvement in risk behaviors, according to sex. Considering the results and knowing that irreversible individual, familiar and social consequences may come from these risk behaviors, the study of this subject is important to understand in which way it can be prevented.

Keywords: attachment, cumulative trauma, risk behaviors, youngsters at risk

Índice

Relação entre trauma cumulativo, vinculação e comportamentos de risco	8
Método.....	12
Participantes	12
Instrumentos	12
Procedimento	14
Análise de dados	15
Resultados	15
Comparação entre Sexos	16
Associação entre as variáveis em estudo	17
O papel mediador da vinculação na relação entre EPT e Comportamentos de Risco	17
Discussão.....	17
Referências	21
Anexo	25

Índice de Tabelas

Tabela 1. <i>Percentagens, médias, desvio-padrão e alfas de Cronbach's das Escalas de Vinculação</i>	15
Tabela 2. <i>Diferenças nas Variáveis em Estudo em Função do Sexo</i>	16
Tabela 3. <i>Relação entre as Variáveis: Trauma Cumulativo, Percepção de Vinculação e Comportamentos de Risco</i>	17

TRAUMA, VINCULAÇÃO E COMPORTAMENTOS DE RISCO

Relação entre trauma cumulativo, vinculação e comportamentos de risco, em jovens em risco

Considera-se comportamento de risco toda e qualquer atividade que possa comprometer a saúde física e mental de um indivíduo (Feijó & Oliveira, 2001). É na adolescência que estes comportamentos, tais como o abuso de substâncias, o comportamento sexual de risco, a automutilação e a ideação suicida, têm mais probabilidade de emergir (Layne et al., 2014). As razões possíveis para estas condutas ocorrerem neste período de desenvolvimento, podem dever-se ao facto dos jovens, por um lado, sentirem uma certa curiosidade para viverem novas experiências e, por outro, o próprio contexto onde estão inseridos (os pares, família) poderem influenciá-los (Feijó & Oliveira, 2001). As consequências negativas destes comportamentos podem ser inúmeras, na medida em que podem colocar em risco a saúde, o bem-estar e muitas vezes a própria vida dos jovens, nomeadamente problemas com a lei, insucesso e abandono escolar, abuso e dependência de substâncias, gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis (Bailey, 2009).

Um estudo nos Estados Unidos que avaliou comportamentos de risco em jovens, revelou que 6.3% dos estudantes do 9º ao 12º ano relataram pelo menos uma tentativa de suicídio nos últimos 12 meses, 20.8% relataram abusarem de substâncias uma ou mais vezes durante os 30 dias anteriores e 41.8% relataram terem ingerido uma ou mais bebidas alcoólicas pelo menos uma vez nos últimos 30 dias (United States Department of Health and Human Services, Centers for Disease Control and Prevention, 2009). Em Portugal, Domingues e colaboradores (2014) realizaram um estudo com 141 participantes, com idade média de 13.8 anos, para conhecer os padrões do consumo de drogas e sexualidade dos adolescentes de uma área urbana do Porto. Os resultados deste estudo mostraram que um terço dos adolescentes ($n = 141$) já tinha experimentado tabaco (33.3%) ou álcool (33.8%) e 8.5% canábis ($n = 12$), sendo que o consumo de tabaco se apresentou significativamente associado ao consumo de álcool, de canábis ou outras drogas. No que diz respeito à sexualidade, no mesmo estudo, a idade média de início de atividade sexual foi de 13.7 anos, sendo que 14.9% ($n = 21$) dos adolescentes relataram ser sexualmente ativos e 28.6% ($n = 6$) destes relataram não ter utilizado preservativo na última relação sexual. Os autores verificaram também uma associação significativa positiva entre atividade sexual e o consumo de álcool, canábis ou outras drogas.

Além disso, segundo o último Relatório Anual de Avaliação da Atividade das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco, 2017), os comportamentos de perigo na infância e juventude, como por exemplo, o consumo de bebidas alcoólicas e estupefacientes, representam 16.5% ($n = 6493$) do número total de sinalizações. Por outro lado, as situações que colocam em causa o direito à educação, como por exemplo o absentismo escolar,

TRAUMA, VINCULAÇÃO E COMPORTAMENTOS DE RISCO

representam 16% ($n = 6293$) do número total de sinalizações. O envolvimento em comportamentos de risco tem sido do interesse de muitos investigadores, verificando-se que jovens de ambos os sexos diferem a este nível. Estudos mostram que são os rapazes que apresentam maior nível de envolvimento e consumo regular de substâncias lícitas e ilícitas e um maior envolvimento em lutas em comparação com as raparigas (Gabhainn & François, 2000; Matos et al., 2006; Reardon & Buka, 2002; Windle & Davies, 1999). Um outro estudo constatou que participantes do sexo masculino corriam mais riscos, embora soubessem que era má ideia. Os participantes do sexo feminino revelaram o oposto, ou seja, pareciam não estar inclinadas a correr riscos, mesmo em situações inofensivas (Byrnes, Miller, & Schafer, 1999).

Um dos motivos apontados para o envolvimento em comportamentos de risco, como fumar e abusar de substâncias é a exposição dos jovens ao trauma (i.e., maus-tratos na infância, violência doméstica e violência interpessoal e comunitária, ou outras formas de ameaça à vida), durante períodos sensíveis ao seu desenvolvimento, tendo consequências a longo prazo, afetando o desenvolvimento do adolescente (Anda et al., 2006; Dube, Felitti, Dong, Giles, & Anda, 2003; Layne et al., 2014). O trauma, segundo a Associação Americana de Psiquiatria (1994) é definido como uma “(...) experiência pessoal de um acontecimento que envolve a morte ou ameaça de morte ou ferimento grave, ou ameaça à integridade física; ou testemunhar um acontecimento que envolve a morte, ferimento ou ameaça à integridade de outra pessoa; ou ter conhecimento de uma morte inesperada ou violenta, ferimento grave ou ameaça de morte ou doença grave num familiar ou amigo próximo (...). A resposta da pessoa ao acontecimento tem de envolver medo intenso, impotência ou horror (...)”. A investigação tem mostrado que os acontecimentos traumáticos não são experiências raras e podem ter um grande impacto na vida de quem as experiencia. Um estudo de Norris (1992) mostrou que 69% dos participantes experienciaram pelo menos um acontecimento traumático durante as suas vidas. Outro estudo, realizado em Portugal, verificou que durante a vida 75% da população vivencia pelo menos uma situação traumática e 43.5% mais do que uma (Albuquerque, Soares, Jesus, & Alves, 2003). Quando a população é exposta a múltiplas situações de vitimização, como por exemplo abuso físico, *bullying*, exposição a crimes e a violência doméstica estamos perante trauma cumulativo (Finkelhor, Ormrod, & Turner, 2009). O estudo de Finkelhor e colaboradores (2009) revelou que 22% dos jovens com idades entre os 2 e os 17 anos sofreram quatro ou mais tipos diferentes de vitimização num único ano, e 10% sofreram sete ou mais. Além disso, num estudo de Layne e colaboradores (2014), os participantes relataram uma média de mais de quatro diferentes tipos de trauma e perda durante a infância e adolescência. O trauma cumulativo e a exposição à perda aumentaram significativamente a probabilidade dos adolescentes se

TRAUMA, VINCULAÇÃO E COMPORTAMENTOS DE RISCO

envolverem em comportamentos de risco, nomeadamente absentismo escolar, abuso de substâncias, comportamentos auto lesivos e dificuldades em criar ligações com os pares (Layne et al., 2014). Vários estudos mostraram que há diferenças entre os sexos no que se refere à exposição a experiências potencialmente traumáticas (EPT), relatando o sexo masculino uma maior incidência (Breslau, Chilcoat, Kessler, Peterson, & Lucia, 1999; Norris, 1992; Vrana & Lauterbach, 1998).

Um outro motivo apresentado para o envolvimento em comportamentos de risco, por parte dos jovens, está relacionado com a vinculação a diferentes figuras de referência, nomeadamente pais e pares. Bowlby (1969) define vinculação como a tendência inata dos seres humanos para estabelecerem laços afetivos fortes com determinadas pessoas. É uma ligação que, uma vez estabelecida, tende a persistir e a ser duradoura, por isso, caso ocorram separações ou perdas inesperadas e/ou indesejadas, o indivíduo pode conseqüentemente ficar emocionalmente afetado. São três os tipos de vinculação que as crianças podem criar com os seus cuidadores: vinculação segura, vinculação insegura ansiosa e vinculação insegura evitante. Os indivíduos com vinculação ansiosa caracterizam-se como pessoas ansiosas e com medo da rejeição. Por outro lado, os indivíduos com vinculação evitante sentem-se desconfortáveis com a aproximação dos outros. Desta forma, uma vinculação insegura concetualiza-se em duas dimensões: ansiosa (de baixa até alta ansiedade) e evitante (de baixo até alto evitamento). Um indivíduo que não se enquadre nestas características, tende a possuir uma vinculação segura com os seus cuidadores (Fraley & Spieker, 2003; Fraley & Waller, 1998).

É no período da adolescência que começa a ocorrer a separação das figuras de vinculação, em que os adolescentes parecem afastar-se de forma deliberada das relações que criaram com os pais ou com outras figuras de vinculação (Sousa & Ribeiro, 2002). Neste período ocorre a generalização do padrão de vinculação a outras figuras, como por exemplo, irmãos, outros familiares, professores, treinadores e amigos (Colin, 1996, citado por Sousa & Ribeiro, 2002). Assim, nesta fase, acontecem duas grandes mudanças na vinculação: a primeira passa pelo desenvolvimento de relações recíprocas, em que cada par é figura de vinculação do outro e a segunda consiste na substituição da figura dos progenitores como figuras de vinculação principais, normalmente por um par.

Estudos (Cooper, Shaver, & Collins, 1998; Howard & Medway, 2004) mostram que quando os adolescentes possuem uma relação de vinculação segura estão menos propensos a abusarem de substâncias tais como o álcool e drogas, e a envolverem-se menos em comportamentos sexuais de risco. Em relação às raparigas, uma relação de vinculação segura está relacionada com uma menor ocorrência de gravidez na adolescência. Enquanto que, segundo Justo (2000), raparigas que crescem sem a presença de uma figura paterna, por ausência ou por morte, ou essa figura paterna embora presente

TRAUMA, VINCULAÇÃO E COMPORTAMENTOS DE RISCO

não desempenha as suas funções necessárias, apresentam uma maior probabilidade de engravidarem. Para além disso, outro estudo (Lessard & Moretti, 1998) mostrou que quer amostras clínicas, quer amostras da comunidade eram consistentes com o resultado de que uma vinculação insegura está associada com o suicídio.

A teoria de Bowlby (1969) defende que uma vinculação inadequada aos pais é tanto uma consequência como um propulsor de trauma. Cuidadores não confiáveis, ausentes e pouco responsivos influenciam o desenvolvimento de modelos internos de relações mal adaptativos nas crianças, causando raiva intensa, ansiedade, medo e perda, o que poderá impedir a criança de desenvolver confiança e uma vinculação segura com o seu cuidador. A investigação de Torres, Maia, Veríssimo, Fernandes e Silva (2012) veio igualmente reforçar o importante papel da vinculação. Neste estudo, foram analisadas as diferenças nas representações de vinculação de 19 crianças institucionalizadas em comparação com 72 crianças que vivem com as suas famílias. A vinculação segura foi um mediador na relação entre a institucionalização e a externalização de comportamentos agressivos, por parte das crianças.

Tendo em conta a revisão de literatura, deve-se tomar em consideração outras pessoas como figuras de vinculação (e.g., amigos) dos adolescentes, para além dos pais ou outros cuidadores, por também constituírem figuras de vinculação. Assim, uma das novidades deste estudo é o foco em estudar a vinculação a diferentes figuras de vinculação e a relação desta vinculação com as EPT e os comportamentos de risco. Adicionalmente, uma outra novidade passa por estudar a relação entre o trauma cumulativo, a vinculação e os comportamentos de risco, com os quais os jovens de risco se envolvem, uma vez que a maioria dos estudos desenvolvidos não se focam na relação destas três variáveis.

Sabendo que dos comportamentos de risco podem advir consequências irreversíveis a nível individual, familiar e social, estudar este tema é importante para perceber de que forma se pode prevenir. Neste estudo será dado ênfase à exposição a traumas múltiplos e à desregulação na vinculação, variáveis que se preveem associadas à envolvimento por parte dos jovens nestes comportamentos. Adicionalmente, sendo um comportamento agressivo um comportamento de risco, dada a sua gravidade e comprometimento para a saúde, neste estudo iremos analisar se a vinculação poderá ter um papel mediador na relação entre EPT e comportamentos de risco.

O principal objetivo do estudo é analisar a relação entre trauma cumulativo, vinculação e o envolvimento em comportamentos de risco, em jovens de risco. Como objetivos específicos pretende-se analisar: 1) a diferença entre os sexos em relação às variáveis estudadas; 2) a relação entre o número de EPT e o número de comportamentos de risco; 3) a relação entre a vinculação (evitante ou ansiosa) a

TRAUMA, VINCULAÇÃO E COMPORTAMENTOS DE RISCO

cada figura (mãe, pai e melhor amigo) e o número de comportamentos de risco e 4) o papel mediador da vinculação na relação entre EPT e comportamentos de risco.

Mediante isto, as hipóteses para o presente estudo são: 1) Espera-se que jovens do sexo masculino relatem mais EPT; 2) Espera-se que se encontrem diferenças entre os sexos ao nível da vinculação; 3) Espera-se que jovens do sexo masculino reportem um maior número de comportamentos de risco; 4) Espera-se que jovens que reportam um maior número de EPT, reportem um maior envolvimento em comportamentos de risco; 5) Espera-se que jovens com níveis mais elevados de vinculação evitante e ansiosa, à mãe, ao pai e ao melhor amigo reportem um maior envolvimento em comportamentos de risco e 6) Espera-se que as relações de vinculação (mãe, pai e melhor amigo) sejam mediadoras na relação entre comportamentos de risco e EPT.

Método

Participantes

A presente amostra é uma amostra de conveniência, e é constituída por 68 jovens contactados através de Escolas Profissionais ($n = 54$; 79.4%) e CPCJ ($n = 14$; 20.6%) do Norte do país. Destes, 27 (39.7%) jovens são do sexo masculino e 41 (60.3%) do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos ($M = 15.76$, $DP = 1.09$). Em relação ao grau de escolaridade dos jovens, 12 (17.6%) frequentam do 6º ao 9º ano, 39 (57.4%) frequentam do 10º aos 12º anos e 17 (25.0%) não responderam. No que diz respeito aos progenitores dos participantes, o grau de escolaridade varia entre o 1º ciclo (4º ano) e o Ensino Superior/Universitário, sendo que 13 pais (19.1%) e 10 mães (14.7%) possuem o 1º ciclo (4º ano), 23 pais (33.8%) e 16 mães (23.5%) o 2º ciclo (6º ano), 18 pais e 18 mães (26.5%) o 3º ciclo (9º ano), nove pais (13.2%) e 16 mães (23.5%) o Ensino Secundário (12º ano) e um pai (1.5%) e seis mães (8.8%) o Ensino Superior/Universitário. É de notar que 4 jovens (5.9%) não responderam em relação ao pai e dois jovens (2.9%) não responderam em relação à mãe. No que se refere ao rendimento mensal do agregado familiar, 12 (17.6%) jovens responderam entre 250€ e 500€, 18 (26.5%) entre 501€ e 750€, 11 (16.2%) entre 751€ e 1000€, 13 (19.1%) entre 1001€ e 1500€, quatro (5.9%) entre 1501€ e 2000€, três (4.4%) mais de 2000€ e sete (10.3%) não responderam.

A opção pela inclusão das escolas profissionais como contexto de recrutamento, deve-se ao facto de estas escolas funcionarem como alternativa ao ensino regular, principalmente devido ao abandono e insucesso escolar (Pinto et al., 2017). Assim, estas instituições (escolas profissionais e CPCJ) foram seleccionados como contextos de recrutamento dos participantes devido à natureza de risco dos jovens que estão inseridos e/ou que são acompanhados nestas instituições.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico. Permite uma caracterização dos participantes sobre dados sociodemográficos dos jovens (e.g. idade, sexo, grau de escolaridade, onde vive, situação ocupacional, rendimento mensal do agregado familiar, o grau de escolaridade dos pais e mudança de habitação).

Comportamentos de risco. Os comportamentos de risco foram avaliados através de um conjunto de 11 questões, onde os jovens responderam se se envolveram ou não em comportamentos de risco, descritos na literatura como comportamentos que originam consequências negativas para os indivíduos (Mohsen & Bakhshani, 2012). Alguns exemplos de questões são: “Fumas”, “Fumaste haxixe (ganza) ou marijuana (erva) [nos últimos 12 meses]?”; “Bebeste bebidas alcoólicas em sítios públicos (exemplo: em discotecas) [nos últimos 12 meses]?”; “Andaste armado ou usaste algum tipo de arma [nos últimos 12 meses]”. O total podia variar entre 0 e 11.

Traumatic Events Screening Inventory – Self Report Revised (TESI-SR; Versão Portuguesa (VP) a desenvolver no âmbito deste estudo - autorização pedida aos autores). Inventário constituído por 24 itens que avalia o nível de exposição direta e testemunho de EPT de crianças e jovens com idades entre os 6 e os 18 anos, sobre acidentes ou doenças potencialmente traumáticas, separação ou perda de pessoas significativas, violência familiar, violência na comunidade, abuso físico, emocional e sexual, produzindo pontuações dicotómicas para a presença (“Sim”) ou ausência (“Não”) de exposição a estes eventos durante a vida. Caso o jovem não queira responder à questão, também tem a possibilidade de passar à próxima pergunta (“Passo”). Os itens preenchem os critérios do Diagnóstico (4ª ed., revisão de texto [DSM-IV-TR]; American Psychiatric Association, 2000) para o critério A1 (ameaça à vida, lesão grave ou violação da integridade pessoal ou diretamente experiente) e A2 (medo, impotência, horror).

ECR-RS - The Experiences in Close Relationships-Relationship Structures (C. Fraley, 2011; Versão Portuguesa: H. Moreira & M. C. Canavarro, 2012). O ECR-RS é um questionário de estruturas relacionais que avalia dimensões de vinculação em contextos variados. É constituído por nove itens respondidos pelo sujeito relativamente a quatro pessoas significativas distintas (figura materna, figura paterna, companheiro/a atual e melhor amigo/a). Cada item é respondido numa escala tipo Likert de 7 pontos que varia de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo plenamente). Os itens 1, 2, 3 e 4 são invertidos. Os itens agrupam-se em duas pontuações de vinculação insegura: evitamento (itens 1 a 6) e ansiedade (itens 7 a 9). Cada pontuação (de evitamento e ansiedade para cada pessoa significativa) é calculada realizando a soma dos respetivos itens a dividir pelo número de itens que a compõem (média), sendo que valores mais elevados representam maior evitamento ou ansiedade. As características psicométricas do ECR-RS, de acordo com os autores originais, revelaram um alfa de Cronbach de .93 para a escala de evitamento e .87 para a escala de ansiedade. Na versão portuguesa, os índices de consistência interna

mostraram-se igualmente satisfatórios, com um alfa de Cronbach de .72 para o evitamento e .91 para a ansiedade. Neste estudo, utilizamos as escalas de evitamento e ansiedade por figuras de vinculação (mãe, pai e melhor amigo) e a consistência interna destas variaram entre .69 (escala de evitamento) e .90 (escala ansiedade). Estes valores enquadram-se nos pressupostos da literatura (Kehoe, 1995) (Tabela 1).

Procedimento

O presente estudo, que possui uma metodologia transversal, foi submetido à apreciação da Comissão de Ética da Universidade do Minho, tendo sido aprovado (ver Anexo). O projeto surge na extensão de um estudo de doutoramento que se encontra a ser realizado na Universidade do Minho, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Inicialmente, foi pedida autorização aos autores dos instrumentos utilizados, assim como a anuência dos autores da escala TESI-SR para uma possível adaptação à população portuguesa. Após concedidas as autorizações, foram efetuados os contactos com CPCJ e Escolas Profissionais do Norte do país, para colaborarem na investigação.

CPCJ. Inicialmente foi pedida a autorização à Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco. Os participantes e seus representantes legais foram inicialmente contactados por um técnico da CPCJ, sendo convidados a participar no estudo. Aos que aceitaram participar, a investigadora explicou o objetivo, método e procedimento do estudo, bem como os informou acerca dos seus direitos, do carácter voluntário da participação, da natureza e confidencialidade dos dados recolhidos. Posteriormente foi entregue o consentimento informado, o qual foi assinado quer pelo jovem, quer pelo seu representante legal, antes do preenchimento dos questionários. De seguida, foi aplicado o protocolo em modo de hétero-relato, de forma a garantir a total compreensão das questões por parte dos jovens.

Escolas Profissionais do Norte do país. Após ter sido realizada uma reunião com o/a Diretor/a Pedagógico/a de cada uma das Escolas Profissionais contactadas e estes terem aceite colaborar na investigação, foram efetuadas apresentações às turmas que englobavam jovens com as idades pretendidas. Durante as apresentações, a investigadora explicou o objetivo, método e procedimento do estudo, bem como os informou acerca dos seus direitos, do carácter voluntário da participação, da natureza e confidencialidade dos dados recolhidos. Aos que se mostraram interessados em participar, foi entregue o consentimento informado, o qual foi assinado quer pelo jovem, quer pelo seu representante legal, antes do preenchimento dos questionários. Os protocolos foram preenchidos em contexto de grupo e em formato de autorrelato, numa sala disponibilizada pela escola que garantia a confidencialidade do preenchimento dos dados.

Análise de dados

Os dados foram analisados através do *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 25.0. Antes do início das análises propriamente ditas foram realizados testes para identificar diferenças entre jovens sinalizados à CPCJ e jovens das Escolas Profissionais em relação a todas as variáveis em estudo. Uma vez que não se verificaram diferenças estatisticamente significativas optamos por juntar as duas amostras em estudo (CPCJ e Escolas) numa só amostra de risco.

Em relação à caracterização sociodemográfica foi realizada uma análise descritiva, identificando-se medidas de tendência central (média e moda) e medidas de dispersão (frequências, percentagens e desvio padrão). Para a análise das diferenças entre sexos face às variáveis em estudo recorreu-se a um teste de diferenças não paramétrico (Mann-Whitney), uma vez que os pressupostos não se encontravam assegurados. Adicionalmente, para analisar a associação entre variáveis recorreu-se à estatística inferencial, através de testes não paramétricos, nomeadamente as correlações de Spearman, utilizando a técnica de *bootstrapping*, com o objetivo de contornar o problema do tamanho da amostra (Field, 2009).

Resultados

Mais de metade dos participantes relatou ter vivenciado pelo menos cinco EPT ($n = 40$; 58.8%). O número total de EPT vivenciadas pelos jovens variou entre zero ($n = 3$; 4.4%) e 13 ($n = 1$; 1.5%) ($M = 5.37$; $DP = 3.39$), dentro de 20 possíveis. Adicionalmente, 36 jovens (52.9%) relataram ter testemunhado um acidente muito grave, 38 jovens (55.9%) relataram ter conhecimento que alguém próximo esteve gravemente doente ou com a vida em risco e 44 jovens (64.7%) relataram ter estado expostos à violência na comunidade.

No que se refere à percepção de vinculação, a escala que apresentou médias inferiores foi a Vinculação Insegura do tipo Evitante em relação ao melhor amigo(a) ($M = 1.90$; $DP = .90$) e a que apresentou médias superiores foi a Vinculação Insegura do tipo Evitante em relação ao pai ($M = 3.40$; $DP = 1.72$), variando entre 1 e 7 (Tabela 1).

Tabela 1

Percentagens, médias, desvio-padrão e alfas de Cronbach's das Escalas de Vinculação

Vinculação	<i>n</i>	%	Min-Max	<i>M</i>	<i>DP</i>	α
Ansiedade face à mãe	67	98.5%	1-7	2.67	1.92	.77
Ansiedade face ao pai	67	98.5%	1-7	2.62	1.40	.85
Ansiedade face ao melhor amigo	68	100%	1-7	3.14	2.12	.84

TRAUMA, VINCULAÇÃO E COMPORTAMENTOS DE RISCO

Evitamento face à mãe	68	100%	1-6	3.40	1.72	.86
Evitamento face ao pai	62	91.2%	1-7	3.30	2.16	.90
Evitamento face ao melhor amigo	62	91.2%	1-5	1.90	.90	.69

O número total de comportamentos de risco relatados variou entre zero ($n = 18$; 26.5%) e 10 ($n = 1$; 1.5%), dentro de 11 comportamentos de risco selecionados para este estudo. Dentro destes, 23 jovens (33.8%) reportaram ter comprado bebidas alcoólicas, 30 (44.1%) relataram ter consumido bebidas alcoólicas e 32 (47.1%) referiram ter faltado às aulas, sem justificação. O tipo de comportamento de risco mais reportado foi faltar às aulas, sem justificação ($n = 32$; 47.1%), ainda que alguns jovens tenham relatado não se terem envolvido em qualquer comportamento de risco ($MO = 0$).

Comparação entre Sexos

Foram realizados testes de diferenças em função do sexo. Os resultados mostraram não haver diferenças em relação às EPT ($U = 640.00$, $p = .28$, $r = .13$). No que diz respeito à vinculação, foram encontradas diferenças significativas apenas em relação à vinculação ao Amigo, quer ao nível da Escala de Ansiedade ($U = 329.00$, $p = .04$, $r = -.26$), quer ao nível da Escala de Evitamento ($U = 619.00$, $p = .03$, $r = .28$). Na primeira foram os participantes do sexo feminino a relatar níveis superiores, na segunda foram os participantes do sexo masculino. Em relação ao total de comportamentos de risco há diferenças significativas entre os sexos ($U = 744.00$, $p = .02$, $r = .30$), com os participantes do sexo masculino ($M = 3.26$; $DP = 3.06$) a relatarem um maior envolvimento em comportamentos de risco, comparativamente com as participantes do sexo feminino ($M = 1.51$; $DP = 1.63$).

Tabela 2

Diferenças em Função do Sexo

Variáveis	Feminino ($n = 41$)		Masculino ($n = 27$)		U	r
	M	DP	M	DP		
Total de EPT	4.98	3.28	5.96	3.52	640.00	.13
Ansiedade face à mãe	2.92	2.05	2.28	1.64	468.50	-.10
Ansiedade face ao pai	3.46	2.23	2.67	1.89	457.50	-.15
Ansiedade face ao melhor amigo	3.77	2.18	2.64	1.99	329.00*	-.26
Evitamento face à mãe	2.45	1.28	2.89	1.55	610.00	.12
Evitamento face ao pai	3.58	1.70	3.12	1.75	458.50	-.14
Evitamento face ao melhor amigo	1.62	.55	2.28	1.14	619.00*	.28

Total de comportamentos de risco	1.51	1.63	3.26	3.06	744.00*	.30
----------------------------------	------	------	------	------	---------	-----

Nota. * $p < .05$. ** $p < .01$.

Associação entre as variáveis em estudo

Relativamente à associação entre as variáveis, as correlações de Spearman mostram que as EPT se encontram positiva e significativamente correlacionadas com as escalas de vinculação de ansiedade face ao pai ($r_{sp} = .32, p = .01$), de evitamento face ao pai ($r_{sp} = .26, p = .03$), de ansiedade face ao melhor amigo ($r_{sp} = .27, p = .04$) e à soma total de comportamentos de risco ($r_{sp} = .53, p = .00$). Não se verificaram associações significativas entre a soma total dos comportamentos de risco e as escalas de vinculação. Os resultados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3

Relação entre as Variáveis: Trauma Cumulativo, Percepção de Vinculação e Comportamentos de Risco

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Número total de EPT	-							
2. Ansiedade face à mãe	.22	-						
3. Evitamento face à mãe	.11	-.81	-					
4. Ansiedade face ao pai	.01**	.00**	.66	-				
5. Evitamento face ao pai	.03*	-.47	.01*	-.92	-			
6. Ansiedade face ao amigo	.04*	.00**	.39	.00**	.62	-		
7. Evitamento face ao amigo	-.84	-.65	.00**	-.83	.14	-.95	-	
8. Número de comportamentos de risco	.00**	.45	.53	.11	.43	.83	-.73	-

Nota. * $p < .05$. ** $p < .01$.

O papel mediador da vinculação na relação entre EPT e Comportamentos de Risco

Fez-se análises de correlação entre as variáveis utilizando a técnica de *bootstrapping* (Field, 2009). Os resultados mostraram não haver correlação entre qualquer escala de vinculação e os comportamentos de risco (variável dependente). Assim, não é possível testar o efeito mediador da vinculação na relação entre EPT e comportamentos de risco, pois não estão cumpridos os pressupostos para análises de mediação.

Discussão

A presente investigação procurou analisar a relação entre trauma cumulativo e vinculação no envolvimento em comportamentos de risco, por parte de jovens em risco. Das hipóteses adiantadas duas

foram totalmente corroboradas, uma foi parcialmente corroborada e duas foram refutadas.

No que diz respeito à primeira hipótese (*H1: Espera-se que jovens do sexo masculino reportem mais EPT*), não se observaram diferenças entre sexos, refutando assim a nossa hipótese. Ao contrário de vários estudos que relatam uma maior incidência de EPT em homens (Breslau et al., 1999; Norris, 1992; Vrana & Lauterbach, 1998), nesta amostra não se observou essas diferenças. Segundo um estudo de Tolin e Foa (2006) os participantes do sexo masculino estão mais propensos a relatar acidentes, assaltos, combates ou guerras, desastres ou incêndios, doenças graves ou lesões, e testemunhos de morte ou lesão comparativamente ao sexo feminino. Por outro lado, agressão sexual ou abuso é relatado com mais frequência pelo sexo feminino. Salientamos que as EPT mais reportadas do presente estudo, por mais de metade da amostra, foi testemunharem um acidente muito grave, terem tido conhecimento que alguém próximo esteve gravemente doente ou com a vida em risco e estarem expostos à violência na comunidade. Desta forma, uma possível explicação para não existirem diferenças no presente estudo, é o facto das EPT relatadas pelos jovens do sexo feminino não se diferenciarem das EPT relatadas pelos jovens do sexo masculino, tendo ambos os sexos relatado o mesmo tipo de EPT.

Em relação à segunda hipótese (*H2: Espera-se que se encontrem diferenças entre os sexos ao nível da vinculação*) foram encontradas diferenças significativas apenas em relação à vinculação ao Amigo, quer ao nível da Escala de Ansiedade, quer ao nível da Escala de Evitamento. Na primeira foram os participantes do sexo feminino a relatar níveis superiores, na segunda, foram os participantes do sexo masculino. Uma possível explicação para estes resultados é baseada nos modelos históricos de vinculação e reprodução (Belsky, 1999), que prevê diferenças entre os sexos nos estilos inseguros, com o sexo masculino a tender a evitar mais e o sexo feminino a apresentar maior ansiedade face ao companheiro. Em adultos, o evitamento é uma estratégia de baixo comprometimento e investimento, geralmente mais vantajosa para o sexo masculino (Geary, 2005). A ansiedade, por outro lado, pode ser uma forma do sexo feminino garantir o investimento do parceiro, parentes e amigos (Hrdy, 2005). No presente estudo não foi avaliada a vinculação face ao companheiro. No entanto, os resultados reportados face ao amigo podem equivaler aos reportados face a um possível companheiro, pois muitas vezes os jovens consideram o melhor amigo como sendo o companheiro. Apesar desta possível explicação, é necessário explorar melhor esta diferenciação, em estudos futuros.

Por sua vez, ao nível da terceira hipótese, (*H3: Espera-se que jovens do sexo masculino reportem um maior número de comportamentos de risco*) os resultados revelam que é efetivamente o sexo masculino que relata um maior envolvimento em comportamentos de risco. Este resultado está de acordo com os estudos encontrados na literatura (Gabhainn & François, 2000; Matos et al., 2006; Reardon &

Buka, 2002; Windle & Davies, 1999). Uma possível explicação para esta hipótese é que os jovens do sexo masculino normalmente envolvem-se em comportamentos de risco denominados de “externalização”, nomeadamente envolvem-se em lutas, consumo de substâncias lícitas e ilícitas, e acidentes, enquanto as jovens do sexo feminino manifestam geralmente comportamentos mais internalizados, nomeadamente humor depressivo e ideação suicida (Leal, 2006).

Relativamente à quarta hipótese deste estudo (*H4: Espera-se que jovens que reportam um maior número de EPT, reportem um maior envolvimento em comportamentos de risco*), os nossos resultados mostraram que um maior número de EPT vivenciados pelos jovens está associado a um maior envolvimento em comportamentos de risco por parte destes, corroborando assim a nossa hipótese. A literatura é bastante congruente no que se refere a este aspeto (Dube et al., 2003; Layne et al., 2014; Trickett, Noll, & Putnam, 2011). Segundo a literatura, uma das explicações possíveis para justificar este fenómeno, é o facto de quando as crianças e adolescentes estão expostos a EPT, podem experienciar sentimentos de desproteção, desamparo e problemas na autorregulação. Assim, os comportamentos de risco, como o uso de substâncias, podem servir como uma forma de se dissociarem da dor emocional, da ansiedade e da raiva que provavelmente acompanha essas experiências (Bensley, Spieker, Van Eenwyk, & Schoder, 1999; Lebling, 1986).

Quanto à quinta hipótese (*H5: Espera-se que jovens com níveis mais elevados de vinculação evitante e ansiosa, à mãe, ao pai e ao melhor amigo reportem um maior envolvimento em comportamentos de risco*), esta foi refutada. Esperávamos que jovens com níveis mais elevados de vinculação evitante e ansiosa às três figuras significativas do estudo reportassem um maior envolvimento em comportamentos de risco. Os nossos resultados mostraram não existir relação significativa entre os comportamentos de risco e qualquer das Escalas de Vinculação, independentemente da figura. No entanto, estudos anteriores demonstraram a existência desta relação (Cooper et al., 1998; Howard & Medway, 2004; Lessard & Moretti, 1998), tornando o nosso resultado de difícil compreensão. Uma possível explicação para este resultado poderá ser o facto de este estudo analisar a vinculação evitante e ansiosa de forma separada, bem como o facto de não termos uma escala de avaliação de vinculação segura. Do que encontramos, a literatura tem analisado a vinculação em termos de “segura vs insegura”. Assim, parece-nos que apenas podemos inferir que o grau de envolvimento em comportamentos de risco não está associado ao tipo de vinculação insegura (evitante ou ansiosa), mas de se ter (ou não) uma vinculação segura. Por outro lado, uma outra explicação possível poderá ser o facto de os participantes do nosso estudo reportarem um envolvimento relativamente baixo em comportamentos de risco, dado que 18 jovens reportaram não se ter envolvido em qualquer dos comportamentos de risco avaliados.

TRAUMA, VINCULAÇÃO E COMPORTAMENTOS DE RISCO

Este estudo tem algumas limitações que devem ser indicadas e consideradas na interpretação e conclusão dos resultados. Nomeadamente, o facto de a recolha de dados ter sido realizada através de duas formas diferentes de administração: auto e do hétero relato. Os jovens que participaram através de hétero-relato podem ter minimizado o relato de EPT e comportamentos de risco, podendo as respostas terem sido enviesadas por deseabilidade social ou pelo receio de haver a possibilidade de se revelar a sua identidade. Além disso, o facto de a recolha demorar bastante tempo, aproximadamente uma hora, pode também ter influenciado os resultados devido à saturação por parte dos participantes, podendo justificar também o número reduzido de recolhas. É importante que em investigações futuras o método da administração dos instrumentos seja único, ou em autorrelato ou em hétero relato. Em relação aos instrumentos utilizados, o instrumento TESI-SR ainda se encontra a ser validado para a população portuguesa, o que constitui por si só uma limitação.

O presente estudo analisou a relação do trauma cumulativo e da vinculação no envolvimento em comportamentos de risco, pelo que se constitui como desafio futuro o desenvolvimento de estudos longitudinais para perceber o papel da vinculação nesta relação. Em suma, os resultados deste estudo contribuem para reforçar a importância do desenvolvimento de intervenções focadas no apoio a jovens que experienciaram EPT, como por exemplo a criação de grupos de autoajuda nas escolas, formados por jovens que passaram pelo mesmo tipo de EPT. Adicionalmente, sabendo a importância de uma vinculação segura e da sua transferência para outros que ocorre na adolescência, seria importante a implementação de programas, como por exemplo um programa de tutores, em que jovens mais velhos e previamente seleccionados acompanhariam e monitorizariam os jovens mais novos. Desta forma, prevenir-se-ia o envolvimento dos jovens em comportamentos de risco e assegurar-se-ia uma possível vinculação segura ao grupo de pares.

Referências

- Albuquerque, A., Soares, C., Jesus, P. M., & Alves, C. (2003). [Post-traumatic stress disorder (PTSD). Assessment of its rate of occurrence in the adult population of Portugal]. *Acta Medica Portuguesa*, *16*(5), 309–320. Retrieved from http://www.ncbi.nlm.nih.gov/entrez/query.fcgi?cmd=Retrieve&db=PubMed&dopt=Citation&list_uids=14750273
- Anda, R. F., Felitti, V. J., Bremner, J. D., Walker, J. D., Whitfield, C., Perry, B. D., ... Giles, W. H. (2006). The enduring effects of abuse and related adverse experiences in childhood: A convergence of evidence from neurobiology and epidemiology. *European Archives of Psychiatry and Clinical Neuroscience*, *256*(3), 174–186. <https://doi.org/10.1007/s00406-005-0624-4>
- American Psychological Association (1994). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi.
- Bailey, J. A. (2009). Addressing Common Risk and Protective Factors Can Prevent a Wide Range of Adolescent Risk Behaviors. *Journal of Adolescent Health*, *45*(2), 107–108. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2009.05.007>
- Belsky, J. (1999). Modern evolutionary theory and patterns of attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 141– 161). New York: Guilford.
- Bensley, L., Spieker, S., Van Eenwyk, J., & Schoder, J. (1999). Self-reported abuse history and adolescent problem behaviors. II. Alcohol and drug use. In *J Adolesc Health* (pp. 173–180).
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*. New York: Basic Books.
- Breslau, N., Chilcoat, H. D., Kessler, R. C., Peterson, E. L., & Lucia, V. C. (1999). Vulnerability to assaultive violence: Further specification of the sex difference in post-traumatic stress disorder. *Psychological Medicine*, *29*(4), 813–821. <https://doi.org/10.1017/S0033291799008612>
- Byrnes, J. P., Miller, D. C., & Schafer, W. D. (1999). Gender differences in risk taking: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, *125*(3), 367–383. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.125.3.367>
- Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco. (2017). Relatório Anual de Avaliação da atividade das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens, 149.
- Cooper, M. L., Shaver, P. R., & Collins, N. L. (1998). Attachment styles, emotion regulation, and adjustment in adolescence. *Journal of Personality and Social Psychology*, *74*(5), 1380–1397. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.74.5.1380>
- Domingues, S., Leite, J., Martins, I., Sampaio, J., Fonseca, G., & Lira, S. (2014). Comportamentos de

- risco dos adolescentes portugueses e influência do meio ambiente, *XXIII(3)*, 124–133.
- Dube, S. R., Felitti, V. J., Dong, M., Chapman, D. P., Giles, W. H., & Anda, R. F. (2003). Childhood Abuse, Neglect, and Household Dysfunction and the Risk of Illicit Drug Use: The Adverse Childhood Experiences Study. *Pediatrics*, *111(3)*, 564–572.
<https://doi.org/10.1542/peds.111.3.564>
- Feijó, R. B., & Oliveira, É. A. de. (2001). Comportamento de risco na adolescência. *Jornal de Pediatria S125 J Pediatr (Rio J)*, *77*, 125–134. Retrieved from
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54698/000386001.pdf>
- Field, A. P. (2013). *Discovering Statistics using IBM SPSS Statistic*. London: SAGE Publications.
- Finkelhor, D., Ormrod, R. K., & Turner, H. A. (2009). Lifetime assessment of poly-victimization in a national sample of children and youth. *Child Abuse and Neglect*, *33(7)*, 403–411.
<https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2008.09.012>
- Fraley, R. C., & Waller, N. G. (1998). Adult attachment patterns: A test of the typological model. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 77–114). New York, US: Guilford Press.
- Fraley, R. Chris, Heffernan, M. E., Vicary, A. M., & Brumbaugh, C. C. (2011). The Experiences in Close Relationships-Relationship Structures Questionnaire: A Method for Assessing Attachment Orientations Across Relationships. *Psychological Assessment*, *23(3)*, 615–625.
<https://doi.org/10.1037/a0022898>
- Fraley, R. Chris, & Spieker, S. J. (2003). Are Infant Attachment Patterns Continuously or Categorically Distributed? A Taxometric Analysis of Strange Situation Behavior. *Developmental Psychology*, *39(3)*, 387–404. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.39.3.387>
- Gabhainn, S. N., & François, Y. (2000). Substance use. In C. Currie, K. Hurrelmann, W. Settertobulte, C. A. Smith, & J. Todd (Eds.), *Health and health behaviour among young people* (pp. 97–114). Copenhagen: World Health Organization.
- Geary, D. C. (2005). Evolution of paternal investment. In D. M. Buss (Ed.), *The evolutionary psychology handbook* (pp. 483–505). Hoboken: Wiley.
- Howard, M. S., & Medway, F. J. (2004). Adolescents' attachment and coping with stress. *Psychology in the Schools*, *41(3)*, 391–402. <https://doi.org/10.1002/pits.10167>
- Hrdy, S. B. (2005). Evolutionary context of human development: The cooperative breeding model. In C. S. Carter, L. Ahnert, K. E. Grossmann, S. B. Hrdy, M. E. Lamb, S. W. Porges, & N. Sachser (Eds.), *Attachment and bonding: A new synthesis* (pp. 9–32). Cambridge, MA: MIT Press.

TRAUMA, VINCULAÇÃO E COMPORTAMENTOS DE RISCO

- Kehoe, J. (1995). Basic Item Analysis for Multiple-Choice Tests, *4*(10), 9–12.
- Layne, C. M., Greeson, J. K. P., Ostrowski, S. A., Kim, S., Reading, S., Vivrette, R. L., ... Pynoos, R. S. (2014). Cumulative trauma exposure and high risk behavior in adolescence: Findings from the National Child Traumatic Stress Network Core Data Set. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, *6*(Suppl 1), S40–S49. <https://doi.org/10.1037/a0037799>
- Leal, I. (2006). *Perspectivas em psicologia da saúde*. Coimbra: Editora Quarteto.
- Lebling, C. (1986). Child abuse as precursor to adult abuse of alcohol and drugs. In *Med Law* (pp. 239–245).
- Lessard, J. C., & Moretti, M. M. (1998). Suicidal ideation in an adolescent clinical sample: Attachment patterns and clinical implications. *Journal of Adolescence*, *21*(4), 383–395. <https://doi.org/10.1006/jado.1998.0169>
- Matos, M. G., Simões, C., Tomé, G., Gaspar, T., Camacho, I., & Diniz, J. A. et al. (2006). A saúde dos adolescentes portugueses: Hoje em 8 anos. Retrieved from <http://www.fmh.utl.pt/aventurasocial/pdf/191206/nacional.pdf>
- Moreira, H., Martins, T., Gouveia, M. J., & Canavarro, M. C. (2015). Assessing adult attachment across different contexts: Validation of the portuguese version of the experiences in close relationships-relationship structures questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, *97*(1), 22–30. <https://doi.org/10.1080/00223891.2014.950377>
- Norris, F. H. (1992). Epidemiology of Trauma: Frequency and Impact of Different Potentially Traumatic Events on Different Demographic Groups. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *60*(3), 409–418.
- Reardon, S. F., & Buka, S. L. (2002). Differences in onset and persistence of substance abuse and dependence among whites, blacks, and Hispanics. *Public Health Reports*, *117*(1), 51–59.
- Sousa, M., & Ribeiro, J. L. P. (2002). Vinculação e comportamentos de saúde : Estudo exploratório de uma escala de avaliação da vinculação em adolescentes. *Psicológica*, *1*, 67–75.
- Tolin, D. F., & Foa, E. B. (2006). Sex differences in trauma and posttraumatic stress disorder: A quantitative review of 25 years of research. *Psychological Bulletin*, *132*(6), 959–992. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.132.6.959>
- Torres, N., Maia, J., Verissimo, M., Fernandes, M., & Silva, F. (2012). Attachment Security Representations in Institutionalized Children and Children Living with Their Families: Links to Problem Behaviour, *36*(January 2011), 25–36.
- Trickett, P. K., Noll, J. G., & Putnam, F. W. (2011). The impact of sexual abuse on female development:

TRAUMA, VINCULAÇÃO E COMPORTAMENTOS DE RISCO

Lessons from a multigenerational, longitudinal research study. *Development and Psychopathology*, 23(2), 453–476. <https://doi.org/10.1017/S0954579411000174>

Vrana, S., & Lauterbach, D. (1998). Prevalence of traumatic events and peritraumatic predictors of posttraumatic stress symptoms in a nonclinical sample of college students. *Journal of Traumatic Stress*, 11(4), 645–664. <https://doi.org/10.1023/A:1024485130934>

Windle, M., & Davies, P. T. (1999). Depression and heavy alcohol use among adolescents: Concurrent and prospective relations. *Development and Psychopathology*, 11(4), 823–844. <https://doi.org/10.1017/s0954579499002345>

Anexo

Parecer do Conselho de Ética da Universidade do Minho



Universidade do Minho

Conselho de Ética

Conselho de Ética - Ciências Sociais e Humanas

Identificação do documento: CE.CSH 080/2018

Título do projeto: *Funcionamento Global de Jovens: Um estudo longitudinal com adolescentes sinalizados às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ)*

Equipa de Investigação: Patrícia Correia Santos, Doutoramento em Psicologia Aplicada, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Ângela Costa Maia (Orientadora), Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Ricardo Pinto (Orientador), Universidade Lusófona do Porto; Sara Duarte Lima, Mestranda, Universidade do Minho; Cláudia Rocha, Mestranda, Universidade Lusófona do Porto; Margarida Matos, Mestranda, Universidade Lusófona do Porto

PARECER

O Conselho de Ética analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *Funcionamento Global de Jovens: Um estudo longitudinal com adolescentes sinalizados às CPCJ*.

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, o Conselho de Ética nada tem a opor à realização do projeto, emitindo o seu parecer favorável.

Braga, 7 de janeiro de 2019.

A Presidente do CEUMinho

Assinado por : **GRACIETTE TAVARES DIAS**
Num. de Identificação Civil: B1071230157
Data: 2019.01.18 14:47:04 Hora padrão de GMT



Anexo: Formulário de identificação e caracterização do projeto